

22 AGO 1987

A barbarização ideológica do ensino Educação

Em maio deste ano denunciávamos o caráter descaradamente ideológico da reforma do ensino de 1º grau, que a Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (Cenp), órgão da Secretaria da Educação do Governo do Estado, vinha preparando. Examinamos, então, a Proposta Curricular para o Ensino de História (1º grau), vazada em molde tipicamente "marxista-leninista", com o objetivo mais do que evidente de "fazer a cabeça" das crianças, arremetendo-as em função de objetivos político-ideológicos declarados, naturalmente em total prejuízo de qualquer aprendizado elementar que as salvasse do aterrador fantasma do analfabetismo e da ignorância cuidadosamente cultivada.

Passamos, agora, à fase de implantação oficial dessa caricatura de ensino, de um primarismo revoltante, aliado a uma intenção abjeta de exploração de crianças, visando, como se diz em documento congênere patrocinado pela Secretaria da Educação do Governo de Minas Gerais, a "instrumentalizar o aluno para a análise da realidade" — realidade essa que, obviamente, está na cabeça desnordeada e intelectualmente mal nutrida dos "ideólogos do ensino", essa praga que se abateu sobre o nosso sistema de educação e que é mais deletéria do que qualquer falta de recursos. E mais deletéria porque utiliza os recursos existentes não para dar ao aluno um mínimo sólido de conhecimentos, sem o qual falar em "senso crítico" (como gostam de fazê-lo esses "marxóides" de quinta categoria, que são dele inteiramente desprovidos) não passa de uma anedota de mau gosto e sem a menor graça, mas para deixá-los numa perpétua infância intelectual, comprometendo-lhes o futuro e, com ele,

qualquer veleidade de que o País possa enriquecer, modernizar-se e entrar decididamente para o rol do "Primeiro Mundo", que é onde o querem ver os que ainda sabem o que é o verdadeiro patriotismo (que nada tem que ver com o discurso "nacionalisteiro" dessa retaguarda da inteligência, digna de um prêmio universal de incompetência e, freqüentemente, de má fé).

Reúnem-se 210 mil professores, em 129 locais diferentes, de acordo com as delegacias de ensino a que pertencem, para "enquadrá-los" nos termos de um projeto pedagógico totalitário, defendido e sustentado sem qualquer disfarce por um Estado que se diz democrático, em uma Nação que, sistematicamente considerada o "País do futuro", faz questão, mostra-o o patrocínio oficial de uma reforma curricular nefanda como essa, de mergulhar nos meandros do passado, "recuperando" o arcaísmo de um mundo que a inépcia e a ignorância vêem como idílico e paradisíaco.

Essa desastrosa reforma curricular, de que demos notícia em nossa edição de 25 último e que já havíamos comentado, assim como a proposta em Minas Gerais, em abril e maio, quando era ainda projeto, foi magistralmente resumida em uma frase por uma professora lúcida: "Da História tiraram os heróis, da Matemática, a tabuada e, da Língua Portuguesa, a gramática". E, em lugar disso, querem encher as cabeças das crianças com os "dominantes" e "dominados", a opressão, o "imperialismo", a "consciência de classe", a "missão do proletariado", o feminismo e a "construção do socialismo" e quejandos, tudo a partir da "experiência vivida" (?), que dispensa o conhecimento, o aprendizado, a disci-

plina mental, o pensamento, o uso adequado da Língua Portuguesa, o conhecimento, ainda que rudimentar, das quatro operações.

Nessa "escola da Revolução", que está sendo montada diante dos olhos de nossas autoridades, com a sua convicção (e quem sabe se com seu estímulo), contra a nossa tradição, contra as convicções da grande maioria da população que sabe quais foram os resultados da "construção do socialismo" em toda parte em que se instalou, contra a própria idéia de civilização e de modernidade, ninguém, aliás, terá necessidade de aprender nada, a não ser o ódio e o ressentimento, que irão ser postos a serviço da "causa", cujas realizações mais notáveis, até hoje, foram os campos de concentração, os hospitais psiquiátricos, a violenta queda da produção agrícola, de bens e de serviços, o incentivo ao mercado negro e à corrupção, estes dois últimos já nossos conhecidos por obra e graça do estatismo. Quanto aos conhecimentos, imperando a "promoção automática" em todo o curso, seja no "ciclo básico" (1º e 2º anos), no intermediário (do 3º ao 5º) e no final (do 6º ao 8º), seja entre os ciclos, ninguém terá meios de controlar ou avaliar qualquer aprendizado real que se possa verificar, por obra de alguns professores que não estejam dispostos a conspirar sua missão. Dentro desse esquema, o mais provável, o quase certo, é que as crianças saiam da escola do 1º grau analfabetas ou semi-analfabetizadas, lendo mal e não sabendo escrever ou contar (a não ser que lhes ensinem em casa).

Poucos dias antes da reunião dos 210 mil professores do 1º grau, o presidente da Fiesp, Mário Amato, em palavras que pronunciou, de improviso, em visita ao Secovi, se queixava

do estado da nossa educação, assinando que "hoje, o analfabetismo é maior do que o que tínhamos no passado e, além do mais, temos atualmente dois problemas sérios, porque quem sai da 4ª, 5ª ou 6ª série está mais analfabeto do que quando entrou. É realmente dramático, porque aqui fizeram uma coisa muito interessante. Para evitar a evasão do curso fundamental, a criança de 1º, 2º e 3º ano passa por decreto. Vejam, aos 8, 9, 10, 11, 12 anos, essa criança é reclamada para o trabalho. Ela é uma analfabeta alfabetizada, quer dizer: recebeu um diploma que diz que tem a 5ª série, 6ª série, mas é analfabeta total, o que é pior".

Esse quadro dramático, descrito com simplicidade e realismo por um empresário, era o anterior à reforma curricular da Cenp e da Secretaria da Educação! Não era obrigatório, então, esconder do aluno a tabuada, as regras elementares de gramática (um aluno de 6º ano, isto é, um aluno equivalente ao antigo ginasiano, não saberá as diferenças entre os substantivos e os adjetivos, coisa que se ensinava no 1º ano primário!) ou acabar com os "heróis", isto é, com o papel do indivíduo na História, inteiramente substituído por "forças impessoais", já que nada ameaça tanto os coletivismos, socialismos e totalitarismos quanto o ser humano concreto, individual, que é uma pessoa moral que pensa, discute, critica e escolhe. Morte ao indivíduo que deve, como uma engrenagem, ser substituída por outra idêntica, sem interioridade espiritual e moral fabricada no mesmo molde! Eis o ideal que se persegue com a barbarização ideológica do ensino e que, concluíamos, tornaria até bem menos dramático o quadro sombrio pintado pelo presidente da Fiesp.